

## FORA DA IGRAJA NÃO HÁ SALVAÇÃO



### Explicação do dogma “Fora da Igreja não há salvação”

Pelo Rev. Pe. Jean-Joseph Gaume (1854)

Fora da Igreja não há salvação... É uma máxima certíssima. Nosso Senhor compara o reino dos Céus, que é a Igreja, a um príncipe que, querendo celebrar as núpcias de seu filho, e vendo que os convidados recusavam assistir a elas, jurou, irritado, que nenhum dos tais, que recusaram o convite, gozariam das delícias de sua mesa (1). Logo aqueles que resistem à graça do Salvador não esperem reinar com ele no Céu; por outras palavras, aqueles que não entram na Igreja, para a qual são convidados, permanecem estranhos a Jesus Cristo (2). Demais o Filho de Deus disse aos Apóstolos: Pregai o Evangelho a toda a criatura; aquele que crer e se batizar será salvo; aquele que não crer será condenado (3). É pois vontade de Nosso Senhor, a mais formal verdade, que todos os homens creiam no Evangelho, e por ele entrem na Igreja, tornando-se seus membros pelo batismo. Com efeito, se todos os homens, como não se pode duvidar, são obrigados a abraçar a Religião Cristã, logo são também obrigados a entrar na Igreja de Jesus Cristo. A razão desta consequência é que a Igreja não foi estabelecida senão por causa da Religião. Ora, quem quer o fim quer os meios: logo

1.º Nosso Senhor, querendo que todos se salvem pela Religião, necessariamente quer que pertençam à sociedade que ele mesmo fundou, para conservar e ensinar a Religião.

2.º sendo todos os homens obrigados a abraçar a Religião de Jesus Cristo, são por isso mesmo obrigados a receber os meios que Nosso Senhor estabeleceu, para alcançar o verdadeiro conhecimento da Religião e dar a Deus um culto legítimo. Ora, o meio essencial que Nosso Senhor estabeleceu para alcançar estes fins é a sua mesma Igreja. Logo, se quem é obrigado aos fins é obrigado aos meios, todos têm a obrigação de entrar na Igreja.

3.º sendo pois a Igreja uma sociedade essencialmente necessária, a qual todos tem a obrigação de pertencer de direito natural e divino; aquele, por consequência, que permanece advertida e voluntariamente fora da Igreja, não pode ter salvação. As portas da vida eterna, diz o Salvador, somente se abrirão àqueles que tiverem guardado os mandamentos; se algum pois, conhecendo o mandamento, recusar cumpri-lo, será condenado (4).

Os Padres, herdeiros da doutrina do Salvador e dos Apóstolos, professaram altamente a mesma verdade: “Aquele, diz S. Cipriano, que não tiver a Igreja por mãe, não terá a Deus por pai. Se alguém escapou à água do Dilúvio sem estar na Arca, então sim, poderá

escapar à condenação eterna, quem estiver fora da Igreja.” (5) “Ninguém alcançará salvação, diz também S. Agostinho, se não tiver a Jesus Cristo por cabeça, se não pertencer ao seu corpo, que é a Igreja.” (6)

Notável coisa! Os mesmos protestantes professam esta máxima; que digo? Ela foi a causa e o motivo de sua pretendida reforma! Por que se separaram eles da Igreja Romana? Porque a condenaram de não ser a verdadeira Igreja, isto é, a sociedade em que os homens devem estar para se salvarem! Por que têm eles estabelecido novas Igrejas? Para estarem (dizem) em sociedades onde se possam salvar! Por que se anatematizam eles uns aos outros? Porque cada seita diz: Eu sou a verdadeira Igreja, fora de mim não há salvação! Logo, estar na verdadeira Igreja, e no caminho da salvação, é para eles uma e a mesma coisa. Pois isto, em termos católicos, quer dizer: Fora da Igreja não há salvação. E já se vê que não são só protestantes, mas ainda os sectários de todas as religiões, que professam o mesmo princípio; e é preciso ser muito néscio para não conhecer que eles têm muita razão. O caso é saber qual é a verdadeira Igreja; que depois, fica fácil conhecer que quem não está na verdade, está no erro; quem não está no bem, está no mal; quem não está no caminho, está perdido. Aqui não há meio termo. Se esta máxima não é certíssima: Fora da Igreja não há salvação, nesse caso é preciso admitir a contrária: fora da Igreja a salvação é possível. Mas admitido isto, não há mais distinção entre a verdade e o erro: o herege, o cismático, o turco, o infiel, o judeu, o deísta, o ateu estarão na mesma condição; e poderão salvar-se, professando as mais contraditórias e funestas doutrinas (7).

Professar esta máxima é para os católicos de suma caridade. Ainda mais, ela é e tem sido a causa da caridade apostólica. Com efeito, convencidos, por uma parte, a ponto de derramar seu sangue, que existe uma Religião verdadeira e obrigatória; assim como uma sociedade, encarregada de a conservar e explicar; convencidos por outra parte, que esta Religião é a Religião Católica; e esta sociedade, a Igreja Romana; que maior obra de caridade do que dizer a todos: Entrai nesta sociedade, para conhecerdes a Religião verdadeira, e a única que pode vos tornar felizes nesta vida e na futura. Reparai bem, que vos é de absoluta necessidade pertencer a esta Igreja; pois Fora da Igreja não há salvação. Apregoar esta máxima, publicá-la por todos o mundo, será porventura, como se pretende dizer, uma prova de má vontade, e de crueldade para com o gênero humano? Pelo contrário, não será isto prova de amor sincero, uma verdadeira caridade? Dir-se-ia que Noé era feroz e cruel quando, construída a Arca, dizia aos pecadores, para os converter: Fora da Arca não há salvação? - E Nosso Senhor não teria caridade quando disse: Todo o que não entrar na Igreja pela fé e o batismo será condenado? Porventura o médico será cruel e misantropo quando diz ao doente: Se não tomardes tal ou tal remédio não tereis saúde? Sei eu, por exemplo, que vos não de pôr fogo à casa, e fazer-vos morrer a vós e a vossa família no meio das chamas; conheço um meio único de desconsertar os planos infernais de vossos inimigos, e digo-vos: acautelai-vos que se não fizerdes assim e assim, morrereis queimado. Ora, pergunto, serei eu cruel em vos avisar? Não seria eu antes se me calasse? Certo que sim. Pois isto é o que sucede no nosso caso. Nós, os católicos, sabemos de ciência certa (e todos como nós o podem e devem saber), que o Filho de Deus, a virtude mesma, o juiz supremo dos vivos e dos mortos, declarou que fora da Igreja não há salvação. Repetimos isto mesmo; prevenimos a todos da sorte que os espera, se não cumprirem com o que ele manda; pedimos, exortamos... quê? Pois não é isto mesmo o que produziu e produz na Igreja a caridade apostólica? Não é este o zelo dos Apóstolos, dos mártires, dos missionários, de todos os santos, que se santificam, por dizer a todas as nações: Fazei-vos cristãos, entrai no aprisco de Jesus Cristo: fora da Igreja não há salvação?! Sim, eis o motivo que os abrasa, que os inflama: quem há aí que lhe chame crueldade!

Sem dúvida, esta máxima: Fora da Igreja não há salvação, com ser certíssima, é de uma caridade suma; o ponto está só em entendê-la bem; pois cumpre saber que há muitas maneiras de pertencer à Igreja.

1.º Pertence ao corpo da Igreja aquele que vive na sociedade visível de todos os fiéis sujeitos ao Papa, e professando exteriormente a mesma doutrina. A isto se chama pertencer à Igreja exterior; e neste sentido pertence à Igreja ainda o incrédulo ou o que está em pecado mortal; embora seja um membro morto, ou uma ramo seco.

2.º Pertence ao corpo e à alma da Igreja aquele que à profissão externa da Religião católica ajunta a graça santificante; e isto se chama pertencer simultaneamente à igreja externa e interna.

3.º Pertence finalmente à alma da Igreja, sem pertencer ao seu corpo, aquele que, por boa fé ou ignorância invencível, está desculpado diante de Deus, de não pertencer à Igreja, pois a não conhece. Neste caso, se o indivíduo tem uma verdadeira caridade, um desejo sincero de conhecer a vontade de Deus e cumpri-la, praticando fielmente a lei natural, e todos os deveres de que tem notícia ou de que a podia ter, este tal, digo, pertence de fato à alma da Igreja ou à Igreja interna, e é possível salvar-se. (8)

Assim pois, entre os hereges e os cismáticos, todos os meninos que são batizados e que ainda não chegaram a idade da razão, bem como muitas pessoas símplices, que vivem em boa fé, e das quais só Deus conhece o número, todas estas, digo, não participam da heresia nem do cisma; são desculpados por ignorarem invencivelmente o seu estado, e não se devem considerar estranhas à Igreja, fora da qual não há salvação; porquanto, os meninos, em primeiro lugar, não podendo ainda ter perdido a graça que receberam no batismo, sem dúvida pertencem à alma da Igreja, isto é, estão unidos a ela pela fé, esperança e caridade habituais. Em segundo lugar, os símplices e ignorantes, de que falamos, podem ter conservado a mesma graça; ou ainda, em muitas seitas, havendo aprendido certas verdades de fé, que aí se conservaram, e que bastam absolutamente para a salvação, podem crer nelas sinceramente e viver, com o auxílio da graça, uma vida pura e inocente. Deus não lhes imputa os erros, a que estão forçados por uma ignorância invencível. Enquanto aos nossos olhos pareçam membros de uma seita, bem podem pertencer à alma da Igreja, pela fé, esperança e caridade. Em suma, todos esses meninos e essas pessoas de boa fé podem salvar-se; mas ainda assim devem a sua salvação à Igreja Católica, embora não a conheçam; porque é dela que dimanam as verdades salutarelas pelas quais se salvaram; porque é dela que dimanam as salutarelas verdades pelas quais se salvaram; como é, por exemplo, o batismo, que as seitas separando-se conservaram. É verdade que estas luzes receberam-nas imediatamente daquelas seitas; mas elas as tinham recebido da Igreja, a qual Jesus Cristo confiou a administração dos Sacramentos, e o depósito da fé (9). Assim pode o homem salvar-se, ainda quando pertença exteriormente a uma religião estranha; mas não porque lhe pertença, o que é bem diferente.

Eis aqui, pois, o sentido exato desta máxima, tão perfeitamente irrepreensível, e todavia tantas vezes censurada e como que lançada em rosto aos católicos: fora da Igreja não há salvação. Pois certo que a não há para todo aquele que, conhecendo ou devendo conhecer a verdadeira Igreja, recusa entrar nela; certo que, a não há para todo aquele que, estando na verdadeira Igreja, dela sai, para abraçar uma seita estranha. Todos esses evidentemente se lançam fora do caminho da salvação; porque se tornam culpados duma contumácia imperdoável. Jesus Cristo não promete a vida eterna, senão às ovelhas que

ouvem a sua voz; aquelas, porém, que desertam do seu aprisco, ou recusam entrar nele, serão sem nenhuma dúvida a presa dos lobos e o pasto das chamas.

Quanto a nós, filhos da Igreja, demos muitas graças a Deus, Nosso Pai, e à Igreja, nossa Mãe; e corresponda de algum modo a nossa gratidão à excelência e número dos benefícios que nos fazem. Qual é o motivo por que não nascemos, como tantos nascem, no domínio da heresia, da infidelidade e da idolatria? A quem devemos a boa fortuna de sermos nascidos e criados no grêmio desta verdadeira Igreja, que nos alimenta, como carinhosa mãe, de seu leite puro e virginal? A quem o devemos? A uma graça toda gratuita, que o Senhor concede a quem lhe apraz. Sejamos pois agradecidos a um bem tão especial e imerecido. Não sejamos ingratos a esta Igreja tão cheia de amor, e tão pouco amada; e até desgraçadamente tão perseguida! Provemos-lhe a nossa gratidão;

1.º submetendo-nos às suas decisões, com um temor filial; e observando suas leis, com escrupulosa fidelidade.

2.º tomando parte em suas dores e alegrias; e interessando-nos em tudo o que lhe interessa.

3.º abraçando generosamente a sua causa, e sacrificando-nos, se preciso for, pela manutenção da sua fé, unidade, disciplina, autoridade e prerrogativas.

4.º não desprezando meio algum, nem perdendo ocasião ou oportunidade de a fazer conhecer e amar daqueles, que a não conhecem nem amam. Assim seremos os verdadeiros imitadores de Nosso Senhor Jesus Cristo, que amou tanto a sua Igreja que por ela deu o seu sangue e a sua vida. (10)

## ORAÇÃO

Ó meu Deus! Que sois todo amor, eu vos dou graças de todo o meu coração por terdes estabelecido a vossa Igreja, para perpetuar a vossa Santa Religião, e a vossa união conosco; permiti, Senhor, que eu seja sempre uma dócil ovelha do vosso aprisco.

Eu protesto amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a mim mesmo por amor de Deus; e, em testemunho deste amor, orarei muitas vezes pela Igreja. Amém.

## NOTAS

1 – Mat. XXII.

2 – C. XVI.

3 – Marc. XVI.

4 – Luc. XII, 4, 7.

5 – De Unit. Eccles.

6 – Veja-se o texto em Nat. Alex. De Symbol. p. 320.

7 – Na ordem social, a mesma máxima é também a razão de existência de todos os partidos políticos. Quem a professa mais altamente; quem a sanciona mais terrivelmente, que as seitas socialistas, comunistas, fourieristas?! Não bradam eles, a qual mais altamente: Sou eu, que possuo a verdade; fora do meu ensino, da minha política; fora do meu grêmio não há salvação para a sociedade!

8 – Catecismo do Concílio de Trento.

9 – Veja-se a censura de Emilio pela Universidade de Sorbone.

10 – Christus dilexit Ecclesiam et se ipsum tradidit pro ea. Efés. V, 2, 3. Veja-se Nat. Alex. De Symb. 329.

## REFERÊNCIA

GAUME, Pe. Jean-Joseph. **Catecismo da Perseverança:** ou Exposição Histórica, Dogmática, Moral, Litúrgica, Apologética, Filosófica e Solcial da Religião, desde a origem do mundo até nossos dias. Porto: Typ. de Francisco Pereira d'Azevedo, 1854, pp. 60-66.